

"VIDA, MORTE E LUTO" NA MODERNIDADE E NO CRISTIANISMO

Hubert Lepargneur

Esta trilogia fundamental da antropologia será objeto de um resumo histórico preliminar (I). Examinaremos em seguida aspectos característicos do morrer na modernidade (II). O luto como processo da psico-sociologia humana transformou-se sem desaparecer (III). Restará considerar o ajuste dos ritos e das crenças em perspectiva de teologia pastoral (IV).

I. Evolução da reação cultural face à morte

Após os trabalhos de Philippe Ariès, conhecemos o esquema da evolução cultural face à morte, no Ocidente. A) Durante o primeiro milênio, a morte não assustou, sendo assimilada a outras ocorrências da vida. B) Em torno do ano 1.000, o medo levantou-se. A própria reflexão teológica salientou a ameaça de um julgamento diante de terrível tribunal; a pastoral consistia em preparar o fiel para este momento decisivo. Atenuando o impacto negativo, o clero promete a ressurreição e aceita celebrar orações para interceder a favor da salvação eterna do defunto. O enfoque permanece individualista ("morte de si", resume Ariès). C) Nos séculos 17 e 18, desenvolveu-se a perspectiva da "morte do outro" ("de ti, do próximo"). A emoção prevalecente já é outra: a

dor patética do luto. Elevam-se suntuosos catafalcos na Igreja e monumentos ostentatórios nos cemitérios, nas dimensões da presumida saudade. É a época dos panegíricos grandiloquentes do defunto, de quem se descobre, após a morte, eminentes e significativas virtudes. O óbito é um drama que faz vivenciar a irreversibilidade do tempo e a precariedade das relações humanas neste vale de lágrimas. D) No século 20, os progressos da medicina permitem esconder a morte atrás de um biombo salubre. O defunto incomoda; a família, o hospital, a sociedade o escondem: a pressão social não incentiva mais o luto.

II. Saber morrer na modernidade

A) Os critérios da morte evoluem

Na Idade Média, um entendido do lugar mordia o dedo do pé do cadáver a fim de assegurar-se de sua morte por falta de reação: daí o apelido de "croque-mort" ou "papa defunto" ao cidadão que vai se profissionalizar nas pompas fúnebres. Na contemporaneidade, o hospital recolhe o sujeito ameaçado de falecer, a fim de lhe prolongar a vida, custe o que custar. Alguns utopistas ricos chegaram a providenciar um banho de azoto líquido para que seu cadáver esperasse, sem deterioração mais acentuada, a época incerta do futuro em que a medicina será capaz de curar seu mal e de o ressuscitar. De qualquer maneira, a morte é uma agressão que pega a medicina em falha, uma ocorrência dificilmente admissível porque vale a boa vida, que dinheiro e progresso tecnológico esforçam-se para propiciar.

B) Entre a UTI e o salão fúnebre: o sacramento

Especializado tanto no processo da morte quanto no conserto da vida, o hospital é capaz de providenciar, entre certas limitações, a hora conveniente para cada um sumir do palco dos vivos, segundo aconselha sua identidade social; sabe medir cientificamente a ocorrência do óbito, enquanto a conservação de um bom cadáver seja, eventualmente, de grande utilidade para outras pessoas necessitadas. De qualquer maneira, a estrutura da família e o pouco espaço urbano de que dispõe o núcleo familiar médio, não mais permitem entreter, por tempo apreciável, grandes doentes em casa. "Nascer ou morrer em casa é o sinal de um luxo considerável ou de uma extrema pobreza" observou Ariès.

Na sua "atualização conciliar", a Igreja manteve o sacramento do moribundo como sendo não a "unção dos enfermos", que atingiu novo público, mas a eucaristia (chamada "viático" nesta circunstância), quando o pessoal hospitalar sabe que os doentes em fase final "moribundam", geralmente com o nariz e a boca entubados e conectos a aparelhos, freqüentemente em estado de inconsciência, portanto incapazes de receber conscientemente a eucaristia (se não de intenção se forem capazes, o que só Deus sabe). Não falaremos do sacramento de penitência que a liturgia prevê minuciosamente para este contexto, com exigências que o Santo Padre lembrou em mensagem ao Cardeal William Baum, penitenciário-mor, em 22 de março de 1996; não falaremos disso por falta de experiência prática.

Na época em que a medicina tanto se esforça por fazer desaparecer o sofrimento de quem vai morrer, muitos esperam da Igreja uma presença discreta, apaziguadora (isto, ela o deve conseguir), uma "bênção" não perturbadora e, por isso, preferida *post mortem*. Isto é, um conforto para os familiares, mais do que um sacramento de salvação para o moribundo. O contraste entre os dois conjuntos de interesse ou de preocupação não pode escapar à observação do agente de pastoral no hospital.

C) A prática brasileira

As tradições nacionais ou regionais em torno dos funerais são diversas e relativamente estáveis. No Brasil, a municipalidade está geralmente encarregada da manutenção ou transporte dos corpos. Lembramos que o consentimento da família é ainda exigido para qualquer retirada de órgão com fins de transplante. Em vários países, as empresas fúnebres, privadas ou não, monopolistas ou concorrenciais, cobram para organizar os últimos arranjos acerca do sepultamento, cuja pompa depende do preço consentido pela família para o caixão. Tudo isto com uma proverbial discrição: "Morram, fazemos o resto". Os antigos "serviços" prestados pelos vizinhos são dispensados e nem poderiam hoje ser esperados.

O "religioso" brasileiro concentra-se em dois momentos-chaves: 1) a visita ao velório para uma eventual bênção ou oração e uma manifestação de "sim-patia" com os familiares; 2) a "missa do sétimo dia" na paróquia, que reúne um círculo eventualmente mais alargado de pessoas relacionadas. O público deste rito geralmente não sabe o que fazer, que posição tomar, o que responder durante a missa, mas ele faz fila, no final, para apertar as mãos dos familiares de maneira emocionada.

D) Igreja e cultura

Em geral a Igreja resiste à ocultação moderna da morte e do cadáver; ela abre facilmente suas portas para ritos e comemorações fúnebres, ainda que o corpo não costume passar pela Igreja, em região tropical. Entretanto, como a esperança média de vida alongou-se sensivelmente nos últimos decênios, as reuniões fúnebres costumam reunir pessoas de idade propecta, fiéis à religião ou às tradições de suas infâncias, as vinculações sociais das pessoas idosas estando em geral reduzidas.

O gosto de "ver a fisionomia do cadáver", pronunciado na tradição ibérica e latino-americana, verifica-se ainda em nossos dias no velório brasileiro. Não raramente quer-se ainda tocar a cabeça do defunto, num último face a face e como para assegurar-se de que o ser querido não sumiu totalmente em fantasma impalpável. Curiosamente, parecida tendência verifica-se hoje nos Estados Unidos, país em que onerosas empresas fúnebres retocam o cadáver para que ele se pareça como rejuvenescido, apagadas as marcas dos últimos tratamentos invasivos e dos últimos sofrimentos, quase com máscara saudável, em estado de pacífico sono ou de feliz descanso. Não basta retardar a hora do desfecho, suavizar as penosas horas do trânsito, é ainda precioso saber amansar a fisionomia a que a morte nos remete. Democratizou-se até o processo de embalsamamento, que os faraós do quarto milênio antes de Cristo reservavam para sua própria eternização. A morte se dá em espetáculo porque se lhe arranjou uma fisionomia, se não convidativa, pelo menos tranquilizadora e quase amiga.

As antigas grandes reuniões de família se rarefazem por ocasião dos óbitos, ainda que uma vigilante atenção ao destino da herança, incite herdeiros presuntivos a se aproximar dos pretendentes rivais, como para evitar repentinas surpresas desagradáveis. Por vezes a captação de algum espólio é capaz de ajudar ao consolo do desaparecimento de um parente próximo e insubstituível, quando o querido "ser" teve a felicidade de deixar algum "ter".

Parece pastoralmente oportuno não romper os últimos liames que vinculam ainda muitos batizados, que redescobrem o caminho da Igreja por ocasião do matrimônio ou do óbito de um parente ou de qualquer pessoa de uma família amiga. "Eis aqui o meu servo que eu escolhi... Não apagará a mecha fumegante..." escreve Mateus (12,18), lembrando Isaías (42, 1-4).

III. O transcorrer do luto

A) A interiorização individual do luto

Havia algo pesado nas culturas que socializaram, com certa ostentação emotiva, o luto. O desaparecimento repentino dos distintivos vestimentares do luto é sinal de reapropriação individual do significado do luto. Reconhecemos aí certo traço paradoxal, porque a antiga prática de se enclausurar após o desaparecimento de uma pessoa muito chegada, durante uma temporada proporcional à proximidade, isto é, ao desconsolo presumido, era sinal de uma forte introjeção do luto como dilaceração da alma individual. Mas temos de desconfiar das projeções sociais das tramitações presumidas do foro interno. Em vez de favorecer o fechamento sobre a própria dor, a cultura moderna (muito mais polarizada pelo futuro que a cultura antiga, profundamente conservadora) força o indivíduo a sair de si mesmo, e isto é altamente positivo. Até as comemorações sociais de mortos famosos devem exprimir a vitalidade presente de uma comunidade fiel a si mesma e, por isso, dotada de memória.

Existe uma tendência em não perceber o positivo da evolução, para salientar apenas o isolamento dos sobreviventes. A pressão social que existiu para cultivar uma pena solúvel nos afazeres do quotidiano e nas afeições que sobram, não era totalmente sadia. A cultura influencia muito para atribuir os respectivos pesos ao passado, ao presente e ao futuro, na cabeça dos vivos. Enquanto liberdade, a vida humana se conjuga no tempo presente, equilibrada entre uma justa memorização do passado irreversível, do indivíduo bem como da história coletiva, e uma perspectiva estimulante para a ação e o progresso. A invasão exagerada do passado, no campo da consciência, paralisa em estéril saudade, enquanto que o futuro configura sua alienação específica sob forma de ideologias incapazes de sustentar valores para o presente e planos exequíveis.

B) A dialética da luz e da sombra na vida

A morte que ataca perto de nós se parece com um raio que cega os valores luminosos da vida para nos imergir repentinamente em suas sombras. A cultura da modernidade valoriza a juventude, a atividade, a beleza, a eficácia, o dinamismo que nunca repousa, nem no lazer. A morte chama nossa atenção para a velhice e seus impedimentos, para o sofrimento e a doença, para a decrepitude e a paralisia, para a marginalização social e o empobrecimento fora do círculo eco-

nômico, para o definimento da imaginação, submergida por reminiscências do passado do defunto, incapaz de adaptação às mudanças atuais. Lembranças devem ser muito particulares, especiais, para serem trocadas não entre pessoas da mesma geração, mas com gerações posteriores, que acham ter substitutos muito melhores pelos canais de televisão.

Concebemos o luto como o processo de reerguimento do ser afetado pelo falecimento de um próximo e que tem ainda tempo ponderável para vivenciar a própria existência. É um processo de adaptação após ter mergulhado, sem consentimento, na maré obscura que temos evocado. Culturas do passado têm acentuado exageradamente valores negativos que se avizinham ao túmulo e ao sofrimento; a modernidade oculta, talvez exageradamente, estes valores ou contra-valores. Grosso modo, a evolução, porém, parece ter sido positiva, ainda que menos favorável ao despertar da religiosidade. Eis um nó pastoral, uma alternativa histórica, sobre a qual não conhecemos muita reflexão. O cidadão médio sente-se melhor em sua pele, no seu conforto com a vida deste mundo, mas menos incitado para levar em conta a perspectiva ou prospectiva de uma vida futura.

C) O luto em contexto secular

Fora dos meios privilegiados das religiões estabelecidas, que tipo de experiência incita o "homem secular" a reatar com sua religiosidade profunda e adormecida? Sugerimos três vias:

1) A procura do *sentido da vida*? Esta motivação é óbvia e forte para o pensador religioso, mas a experiência não parece confirmar que esta seja a mola de grande eficácia sobre as massas. Elas labutam para obter no dia-a-dia instantes imediatos de alívio ou de prazer, de esquecimento ou de meia-felicidade; pouco mais. O pagamento das dívidas ou a liquidação das prestações da casa costuma preocupar mais que o risco de fogo eterno no inferno.

A pergunta sobre o sentido da vida é fundamental para qualquer intelectual, mas de pouca relevância para o comum dos mortais, atrelados às dificuldades diárias da sobrevivência. Primeiro viver, isto é, sobreviver, depois, filosofar, belo ideal para a aposentadoria, em concorrência com as viagens. Isto é, a saída dos afazeres comuns opera-se por dentro ou por fora? As 400 cartas (agora publicadas) trocadas por Hannah Arendt e Karl Jaspers (o diretor da tese de Hannah sobre Santo Agostinho e seu amigo até o fim), principalmente entre 1945 e 1969, ilustram soberbamente o elitismo da questão em pauta. Eles trocaram notadamente idéias sobre como reconstruir um mundo

humano após a II Guerra mundial; sobre que bases? a partir de quê?

2) A *mediação ética*? A vivência coletiva evidencia o caráter inevitável de um mínimo de normas éticas para assegurar um mínimo de justiça e paz. Suspeitamos que a maioria das pessoas experimenta mais os valores éticos, quando elas sofrem pelas suas deficiências na conduta dos outros, do que em seu conteúdo positivo e taxativo "para a gente". Não sofrem ao burlar a lei fiscal ou os regulamentos, mas sofrem na carne ao não receber o que lhes parece ser seu "devido". Esta experiência é comum; mas não acreditamos que seja tal a idéia, a convicção, de que a ética deva se fundamentar não apenas num empirismo social de convivência, mas também numa visão antropológica, consciente, de suas raízes religiosas. A maioria das pessoas são imediatistas.

3) Propomos em terceiro lugar a *experiência da morte*, ora como risco do qual o sujeito aproximou-se pessoalmente de muito perto, ora como luto profundamente sentido. Resta que a morte é, geralmente, para os outros. Deus tenha suas almas. O luto é uma descida em si, uma oportunidade de amadurecimento interno. Receamos que programas de "acompanhamento do luto" não passem de divertimento analgésico, pouco terapêutico ou formador. É como se um chefe tribal tivesse a idéia barroca de isentar algum jovem protegido dos ritos de passagem. O luto é um rito de passagem da vida humana normal, em qualquer cultura.

D) Pastoral do luto

O luto nunca dispensa uma assimilação pessoal do transcorrer dos tempos e da mutação das situações, com forte coeficiente de eficácia nas disposições da mente individual. "O luto pede para o conforto, para o consolo". Não esgota portanto a problemática e, talvez, a falsifica. Permite entretanto equacionar esta questão pastoral: que tipo de consolo a Igreja ou seus membros estão hoje em condições de oferecer oportunamente? A resposta deve evidentemente ser muito contextualizada.

A pastoral eclesial, contudo, não se limita ao "serviço após evento". Sua *atenção preventiva* percebeu que a visão da morte mudou profundamente, digamos, no decorrer do último século. A liturgia tradicional pede ao Senhor que ele nos preserve "da morte repentina ou violenta", isto é, da morte instantânea, imprevista, porque queremos nos preparar melhor interiormente e conscientemente a tão decisiva ocorrência. Mas a maioria de nossos contemporâneos quer pre-

cisamente a morte instantânea e inconsciente, sem dor, de preferência no sono, sem que o sujeito perceba nada. Apenas despertará do outro lado, se outro lado existir. Essas disposições são francamente antitéticas. A maior preocupação terrena do antigo moribundo cristão era de se despedir muito conscientemente de seu meio, de seus familiares, com afeto e devoção. A maior preocupação das famílias que ingressam no hospital para visitar um parente ou amigo, acamado e deserdado pela esperança de longa vida, é ocultar ao principal interessado a gravidade de seu caso, isto é, que ele vai logo morrer. "Ó seu padre, por favor, faça de conta que efetua uma visita de pura rotina, casual, para dar uma bênção, sem mais." As duas atitudes são antitéticas. Quem vai dizer isso numa missa de sétimo dia? Se não for o momento e o contexto propício, quando será e onde?

IV. Os ritos e as crenças

O luto reflete uma ruptura na história da consciência individual. Enquanto ruptura que desequilibra o *modus vivendi* já estabelecido, ele encontra no rito uma instituição simbólica da recorrência daquilo que permanece ou que se repete regularmente, daquilo que não está abalado pelo transcurso do tempo. Mesmo o descrente, nesta visão, acha algum reconforto em associar-se, nem que fosse por meia-hora, ao rito significativo de uma permanência absoluta, para outras pessoas, os fiéis.

No rito, renascemos a nós mesmos em contexto social e, possivelmente, de absoluto. Saímos outros do rito. Tomamos consciência de que permanecemos no mundo terrestre cheio de rumores e de vida, enquanto o outro sumiu. Sou igual ao outro, mas também tão claramente distinto e diferente que eu lhe sobrevivo.

A) Volta da religião ou da religiosidade?

As crenças precedem os ritos, mas os ritos sobrevivem às crenças, desposados por outras crenças. É também exato que entramos num rito, amiúde, antes de lhe entender o sentido, isto é, antes da crença que o suscitou e o justifica. O retorno da religiosidade, no sentido em que se fala em psicanálise de "retorno do recalcado", encanta os otimistas, mas a expressão deve ser confrontada com rigor com a situação moderna.

Será que presenciamos realmente uma volta da religião? O que, concretamente, transcende o dia-a-dia monótono das massas, a medi-

ocridade do trabalho profissional, quando existe, a banalidade da convivência familiar, quando ela subsiste? A religião? Pode ser, para muitos. Mas cada vez mais é, antes, o esporte. As massas se apressam nas concentrações do estádio, novo templo, com o fervor outrora demonstrado pelos peregrinos de Compostela.

Qual é hoje o diário nacional mais lido na França, país onde o esporte está longe de desfrutar a tradição exaltante e prestigiosa que tem no Brasil com o futebol, o basquete, o voley e a corrida automobilística? É, de longe, *L'Equipe*, jornal totalmente dedicado ao esporte. A evolução é significativa: o *L'Equipe* ganhou ainda 238 mil leitores diários, apenas em 1995. Quanto mais as igrejas se esvaziam (mas Deus sabe que aí se congregam mais do que nunca núcleos de alta qualidade), tanto mais enchem-se os estádios. Os carismáticos e as denominações mais sensíveis à modernidade o entenderam ao trazer "o religioso" entre as arquibancadas. Cantamos a Deus "um canto novo". O esporte ajuda a viver; ajuda a morrer? Por vezes, mas em que sentido?

Neste complexo de habilidade e de sorte, de treino e de capacidade natural, em que consiste o resultado esportivo que atrai as massas, o bem e o mal saem fora da perspectiva ética tradicional: se o novo rito exige a moralidade requerida em toda a atuação humana, é mais difícil discernir no novo cenário qualquer absoluto religioso. Toda opção concreta por valores ou contra-valores implica uma postura em referência ao absoluto divino, ao chamado trinitário para a santidade, afirmam os teólogos; não negamos a implicação virtual, mas estamos longe dos conteúdos de consciência. Mais evidente é o culto da vida no estádio, o culto pela força muscular e a habilidade artística, algo celebrado pelos jogos olímpicos dos antigos gregos e enaltecido por Nietzsche através do conceito de super-homem. Neste sentido, os rituais do estádio significam uma valorização da vida e uma negação da morte, algo não desprezível para atravessar o luto, mas que não vai muito longe na real superação da morte, obra à qual tende, afinal, toda religião.

O sacro é o separado; haveria uma nova sacralização inventada pela modernidade? O estádio consagra atletas particularmente bem sucedidos como sendo heróis, enquanto as religiões consagram fiéis particularmente zelosos como santos, em razão de outro tipo de merecimento. O luto, que é porta de entrada não apenas de um stress emotivo, mas também de uma reflexão sobre a morte, faz intuir as limitações de toda realidade histórica, transitória. O que há além da amizade ou do parentesco cuja expressão recíproca fenece com a morte do parceiro: o que há além da glória que o atleta conquista no estádio, como o artista no palco, na tela ou na exposição de suas obras

plásticas? Qual é a realidade que transcende a subida do santo ao altar ou no vitral? Em todos esses casos, existe algum valor que supera a morte, mas cabe ao próprio enlutado exercer seu juízo ao confrontar a consistência, a solidez e profundidade, a utilidade e pujança das realidades expressas através do valor realçado. Se a escolha fosse fácil, haveria provavelmente maior unanimidade. Evidentemente não há exclusivismo implicado em meio aos valores sugeridos; importam, sim, as prioridades que cada um concede aos valores escolhidos.

B) Últimas indagações

Na França, de 70 a 75% das exéquias são ainda celebradas na Igreja (geralmente, de corpo presente). Um batizado sobre dois, porém, não inventamos, não acredita mais em vida após a morte. Muitos cristãos, entretanto, não descartam uma reencarnação, o que não impede ninguém de celebrar a Páscoa, festa da Ressurreição, no cristianismo, com alegria e chocolate. Informações sociológicas exatas, sobre o conteúdo das crenças para o além morte, seriam preciosas, com vistas a esclarecer a pastoral cristã de cada meio específico. Se não, as festividades prosseguem, mas com conteúdos ambíguos e eventualmente divergentes.

Por que ocultar o caráter inconfortável da pastoral se ela tem por missão (entre outras coisas mais positivas, evidentemente) falar em pecado e em morte, se a perspectiva dominante da modernidade é apagar a culpa e esquecer a morte? Alguns pastoralistas propõem acompanhar, em Igreja, passo a passo, coletivamente, um luto que pode prolongar-se meses, um ano ou mais; outros não teriam argumentos, pelo contrário, para ajudar as pessoas a virar mais rapidamente as páginas da vivência, sem vã complacência para uma situação irrevogavelmente superada?

Endereço do Autor:
Rua Antônio Marcondes, 427
04267-020 São Paulo — SP